MARÁ CULTURAL

Cazumbá
Um personagem de alegria, cultura e religiosidade

Gastronomia maranhense
onde memórias e momentos se encontram

Turismo em Raposa
Uma jornada de descobertas

NOVEMBRO/2023

FESTA DO DIVINO

Uma Imersão na Espiritualidade e Cultura de Alcântara



FOTO: RAUNYR DOS SANTOS



carta ao leitor

Vamos dar um mergulho

Experimente visitar o Museu Histórico e Artístico do Maranhão durante a alta temporada de turismo e surpreenda-se com a escassa presença de pessoas locais de São Luís no local. É fácil invejar o turista, cujos olhos transbordam de curiosidade e admiração por aquilo que é novo, diferente e intrigante. Talvez esse apreço esteja condenado a desaparecer com o tempo, afinal, é difícil manter-se curioso sobre aquilo que vemos todos os dias. No entanto, se o mar cultural parece calmo e monótono da superfície, talvez seja a hora de mergulhar mais fundo.

O que você sabe sobre a Festa do Divino Espírito Santo? Se você pensou algo como "*apenas mais uma festa de igreja*", prepare-se para uma surpresa, pois é uma celebração riquíssima que incorpora elementos divinos com profanos, que começa na igreja, mas termina fora dela, no meio do povo.

Já ouviu falar do Cazumbá? Talvez você o conheça como aquele "*bicho feio*" que dança junto ao boi nas apresentações do Boi da Floresta. Talvez você se encante ao descobrir que o Cazumbá é um espirito guardião, tão sagrado para os maranhenses quanto as ninfas paras os gregos ou a kitsune para os japoneses.

E o que você sabe sobre a culinária maranhense? Se acredita que se limita a torta de camarão e arroz de cuxá, bem... você precisa sair mais de casa. Um passeio pela Feirinha de São Luís pode ser uma ótima maneira de começar essa jornada.

No final das contas, esta carta é um convite. Além do que já mencionamos, a primeira edição da revista Marácultural te convida a explorar ainda mais as belezas naturais de Raposa, a descobrir as facetas modernas da literatura maranhense, a reavivar sua paixão pela leitura e a conhecer a trajetória de um chef incrível! Se qualquer parte desse passeio lhe parece interessante, então vem com a gente, e **vamos dar um mergulho na cultura do Maranhão!**



Lucas Carvalho

Nossa equipe!



EDITORIA FESTEJO

Editora-chefe: Odara Pereira
Repórteres: Emanuelly Araújo e Luanda Cristina
Produtoras: Nayra kayllen e Eduarda Luz



EDITORIA FOLCLORE

Editor-chefe: Bruno Melo
Repórteres: Bruno Melo, João Victor e mouzart ferreira
Redator: Bruno Melo
Fotógrafos: João Victor e Mouzart Ferreira



EDITORIA GASTRONOMIA

Editor-chefe: Marcelly Santos
Repórteres: Marcelly Santos, Maria Clara Aroso, Patrícia Santos
Redatores: Marcelly Santos, Maria Clara Aroso, Patrícia Santos
Fotógrafo: Maria Clara Aroso



EDITORIA LITERATURA

Editor chefe: Rayane Castro
Repórteres: Lucas Carvalho, Fernanda Aquino, Rayane Castro
Redatores: Lucas Carvalho, Fernanda Aquino, Rayane Castro
Fotógrafo: Lucas Carvalho e Fernanda Aquino



EDITORIA TURISMO

Editora chefe: Beatriz Altina
Repórteres: Larissa Carneiro, Elderson Almeida
Produtors: Ana Caroline e Tenile Nascimento
Fotógrafo: Luciano Tavares

Publicação produzida por alunos do curso de Jornalismo da Universidade Ceuma, como produto final das disciplinas de Jornalismo em Revista e Projeto Experimental em Jornalismo Impresso, ministradas pela Profa. Dra. Selma Cavaignac.

Sumário

06 | Cazumbá: um guardião mítico que traz vida à festa do Bumba-meu-boi

08 | Passeio pela história da gastronomia maranhense

12 | Uma voz transformadora para crianças

16 | O sagrado e o profano na festa do Divino Espírito Santo

22 | Descobrindo as belezas naturais da Raposa

26 | Por que você parou de ler?

28 | Mundo aberto, texto fechado

30 | Redescobrindo a literatura maranhense

34 | Entre a realidade e a imaginação das lendas de São Luís



FOTO: JOÃO VICTOR

CAZUMBÁ:
um guardião mítico que traz vida à festa do BUMBA-MEU-BOI

O mitico personagem do Cazumba

Por: Bruno Melo

Bumba-Meu-Boi é uma festa do folclore popular maranhense e brasileiro, que gira em torno de uma lenda sobre a morte e ressurreição de um boi. Em diversas cidades do Brasil, especialmente no Norte e no Nordeste, mas também em algumas do Sudeste, existem agremiações chamadas de "bois" que realizam cortejos ou outros tipos de apresentações utilizando a figura do animal, muitas vezes com caráter competitivo. A festa tem ligações com diversas tradições, africanas, indígenas e europeias, inclusive com festas religiosas católicas, sendo associada fortemente ao período de festas juninas.

Aqui no Maranhão, há muitos de grupos de bois que se caracterizam pelo chamado sotaque. São cinco tipos de sotaques reconhecidos: de Orquestra, de Zabumba, Costa de Mão, da Ilha e o da Baixada. Os sotaques representam o estilo de tocar e dançar o Bumba-Meu-Boi, apresentando certas diferenças entre eles. Por exemplo, no sotaque de Orquestra, há uma predominância de instrumentos metálicos que são tocados durante a dança. No sotaque da Ilha, a característica é a forma de tocar o pandeiro, que além de ser maior que os demais, é tocado acima da cabeça constantemente. A maioria desses sotaques originou-se do interior e se espalhou pelo resto do estado, principalmente na Grande Ilha. "Houve um êxodo rural muito forte. Os jovens vinham tentar a vida na cidade e traziam consigo toda sua bagagem cultural e seus costumes", comentou dona Nadir, presidente do Boi da Floresta, localizado no bairro da Liberdade.

O Boi da Floresta foi o último grupo de boi fundado pelo Mestre Apolônio, em 1972, e representa sotaque da Baixada. Tem como característica a preservação da tradicionalidade da brincadeira do boi, porém incorporando elementos novos e únicos. Uma das principais singularidades é o personagem do Cazumba ou Cazumbá, como é mais chamado atualmente fora dos grupos de boi.

Com origens na cultura africana, principalmente dos países que têm o português como língua oficial, o Cazumba tem uma forte ligação religiosa, fazendo parte de cultos e rituais africanos. Ao chegar ao Maranhão, esse personagem adquiriu uma nova roupagem, porém mantendo sua misticidade. Dentro da narrativa do Bumba-Meu-Boi, o Cazumba é responsável pela limpeza do espaço quando o boi está chegando, desempenhando um papel de protetor e guardião. "O Cazumba não tem sexo, não tem gênero, não é humano, não é animal. É um ser que passeia por todas as formas de vida", explicou dona Nadir.

Para cumprir a sua função de proteger o boi de todos os perigos possíveis ao redor, o Cazumba possui uma aparência não muito convidativa. "A gente diz que quanto mais feio o Cazumba, mais bonito ele é", explicou a presidente do Boi da Floresta. Quanto à sua vestimenta, o Cazumba contou com uma forte contribuição de artesãos maranhenses quando o personagem chegou ao estado na década de 60. Quem dançava de Cazumba era coberto com um pano preto bem simples. Quanto à máscara, ou careta (como os brincantes de Bumba-Meu-Boi chamam), era utilizada caçamba de palmeira, que é o talo do tronco da árvore; eram feitos cortes para o formato dos olhos e o restante do rosto era pintado com cores chamativas. Hoje em dia, os Cazumbas usam roupas bordadas, as caretas também possuem bordados e enfeites colados, como pedras e pérolas, e tudo é mais colorido.

No Boi da Floresta, existem alguns projetos de manutenção que têm como objetivo atrair crianças e jovens da comunidade para que participem do grupo, seja para dançar e tocar ou para conhecer mais dessa cultura riquíssima. João Victor foi um desses jovens que fez parte desse projeto. Ele ingressou no boi em 2023, participando do processo de conhecer e aprender a cultura do espaço, e rapidamente se identificou com o personagem Cazumba, decidindo que queria dança-lo, e assim conseguiu. "Eu sinto uma alegria, gosto de brincar", revelou João Victor.

Apesar de ter um forte caráter religioso e cultural, o Bumba-Meu-Boi, frequentemente, se transforma em um momento de diversão e descontração, tanto para quem brinca quanto para os espectadores. O Boi da Floresta, mantendo a sua exímia tradicionalidade, consegue transmitir essa alegria, e muito desse encanto está relacionado ao Cazumba, que incorpora uma conexão profunda com as raízes culturais e religiosas da festa. E em um mundo em constante mudança, onde tradições culturais podem se perder ao longo do tempo, esse personagem é um testemunho vivo da resiliência e da vitalidade do Bumba-Meu-Boi.

No final das contas, o Bumba-Meu-Boi é muito mais do que uma simples festa folclórica; é uma celebração da cultura, da diversidade e da alegria, e o Cazumba é uma peça essencial desse mosaico cultural que torna essa festa tão especial. Seu papel como protetor e guardião, combinado com seu caráter misterioso e universal, o torna um símbolo duradouro da riqueza cultural do Maranhão e do Brasil como um todo.



FOTO: MOUZART FERREIRA



FOTO: MARIA CLARA AROSO

PASSEIO PELA HISTÓRIA DA GASTRONOMIA MARANHENSE

Museu da Gastronomia Maranhense reúne ingredientes e sabores da culinária do estado

Por: Marcelly Santos, Maria Clara Aroso e Patrícia Santos

Inaugurado em 2019, o Museu da Gastronomia Maranhense, localizado na histórica rua da Estrela, no coração do Centro Histórico de São Luís, tem se destacado como um verdadeiro tesouro cultural da região. Resultado de uma parceria entre o Ministério do Turismo, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (Iphan) e a Prefeitura de São Luís, a sede do museu é um elegante casarão colonial de dois pavimentos, repleto de diversas salas cuidadosamente decoradas, que representam variadas festas da cultura local, com destaque especial para os alimentos que fazem parte dessa rica tradição gastronômica. O espaço não é apenas um local de exposição de pratos típicos, mas um lugar onde as memórias afetivas se entrelaçam com as tradições culturais e a culinária autêntica do Maranhão.

Entre as delícias expostas, os visitantes podem apreciar o tradicional arroz de cuxá, a torta de camarão e de caranguejo, além dos doces de abóbora e buriti, que fazem jus à fama da doçaria maranhense. Para acompanhar essas iguarias, os visitantes encontram uma seleção de licores de frutas típicas do estado, como o bacuri, o cupuaçu, o murici, o jenipapo e a juçara.

Além dos pratos e doces tradicionais, o museu também reserva um espaço para as bebidas, com destaque para a conhecida tiquira, uma cachaça fabricada a partir da mandioca, e o famoso e colorido guaraná Jesus. Esses sabores autênticos são uma parte essencial da identidade de São Luís e uma atração imperdível para os visitantes em busca de uma experiência gastronômica única.

Para o secretário municipal de Turismo de São Luís, Saulo Santos, o museu é muito mais do que uma simples exposição. "É uma emocionante viagem gastronômica, conduzida por meio de uma harmoniosa fusão de festividades, frutas e produtos que são intrínsecos à nossa história", afirmou.


FOTO: MARIA CLARA AROSO


FOTO: MARIA CLARA AROSO

Projetos Inovadores

O Museu da Gastronomia Maranhense é um espaço em constante evolução, onde cada projeto desenvolvido se transforma em uma nova experiência para os visitantes. Projetos como o "Sabores e Cores" não apenas apresentam a culinária local, mas também oferecem aulas de culinária e experiências sensoriais que envolvem todos os sentidos. Outra atração única é o "Sarau Cultural," que transforma as sacadas do museu em palco para música e dança, criando uma atmosfera festiva e animada. O destaque mais recente é o projeto "Uma Noite no Museu," que rompe com a tradição ao abrir as portas do museu durante a noite, proporcionando uma experiência que combina música e degustação em uma atmosfera mágica. Segundo Sílvia Romana, coordenadora do Museu da Gastronomia Maranhense, a ideia por trás dessa iniciativa é oferecer algo completamente diferente, especialmente em um horário em que a maioria dos museus tradicionalmente está fechada. E os resultados falam por si: "Tivemos um recorde de público, prova de que a gastronomia maranhense atrai muita atenção e explorá-la dentro do espaço museológico é uma oportunidade única," afirmou Sílvia Romana.


FOTO: MARIA CLARA AROSO

Espaço de Degustação e Inclusão

O Museu da Gastronomia Maranhense vai muito além de ser apenas um local de exposição de pratos típicos. É um espaço onde as memórias afetivas se entrelaçam com as tradições culturais e a autenticidade da culinária da região. Neste cenário, encontramos diversas iniciativas que enriquecem a experiência dos visitantes.

Uma dessas ideias inovadoras é o espaço de degustação, onde empreendedores regionais têm a oportunidade de expor temporariamente seus produtos. Essa abertura para empreendedores locais não apenas enriquece a experiência dos visitantes, mas movimenta a economia criativa e aumenta a visibilidade das marcas genuinamente maranhenses. "Desde que iniciamos a área de Exposições Temporárias tivemos um feedback positivo dos expositores e dos visitantes, uma vez que essa ação proporcionou retorno financeiro para as empresas", comentou o secretário de Turismo, Saulo Santos.

O museu também se destaca como um dos museus mais inclusivos do Maranhão. As visitas guiadas são cuidadosamente planejadas para atender a todos os públicos, com guias de áudio disponíveis em vários idiomas, incluindo a língua de sinais (Libras), garantindo que todos possam desfrutar plenamente dessa experiência única.

O Museu da Gastronomia Maranhense transcende a simples exposição de pratos típicos; é um espaço onde as memórias afetivas entrelaçam-se harmoniosamente com as tradições culturais e a autenticidade da culinária da região. Neste ambiente, a gastronomia é exaltada como uma parte inalienável da identidade de São Luís.

A JORNADA DO CHEF RAFAEL BRUNO NA VALORIZAÇÃO DA CULINÁRIA MARANHENSE

O Maranhão é um estado de riquezas culturais e gastronômicas tão vastas quanto a diversidade de seus ecossistemas. Quando se trata de compartilhar essa riqueza com o mundo, o chef maranhense Rafael Bruno é uma das vozes mais proeminentes e apaixonadas. Com 20 anos de carreira culinária, ele nos leva a uma viagem através dos sabores e histórias que moldam a identidade gastronômica do estado.

Desde a infância, Rafael Bruno já nutria uma profunda paixão pela culinária. Quando questionado sobre seus objetivos futuros, sua resposta era repleta de convicção: "Quero cozinhar em restaurantes". Entretanto, a vida o levou a estudar Direito por um tempo. "Nesse percurso no Direito, a cozinha apareceu na minha vida. Eu digo que eu fiz direito quando eu larguei o Direito da minha vida e fui abraçar as panelas", afirmou o chef.

Sua jornada culinária não se limitou apenas às cozinhas e pratos exóticos; também o levou a explorar profundamente o Maranhão. Viajando por todo o estado, ele mergulhou na cultura e no estilo de vida do povo maranhense através da gastronomia. "O dia que você consegue conhecer um povo através do que ele se alimenta, você entende o fator social, o fator cultural. Então, a gastronomia é muito presente, é uma política social. Comer é um ato político", enfatizou o Rafael.

Junto com um amigo, Rafael saiu de Imperatriz e foi para Pedreiras, onde montou um restaurante no qual trabalha até hoje. Foi nessa jornada que ele teve um encontro que mudou sua vida: o concurso "Melhor PF do Brasil". Descoberto por acaso, o concurso levou Rafael Bruno a apresentar seu arroz de cuxá com pescada frita e nozes de coco babaçu como sua contribuição. E o resultado? Ele saiu vitorioso e se consagrou como o criador do Melhor PF do Brasil.

Esse concurso não apenas consolidou sua paixão pela culinária, mas também abriu seus olhos para a importância do conhecimento científico na gastronomia. Ele teve a oportunidade de conhecer chefs renomados e de explorar diversas cozinhas, o que o impulsionou a buscar constantemente mais conhecimento.

No entanto, um de seus maiores desafios que ele enfrenta é apresentar o Maranhão aos próprios maranhenses. "Todo mundo fala 'a gente tem que valorizar a gastronomia, valorizar nossa cultura', mas a gente tem um estado muito grande. Precisamos apresentar isso ao maranhense, fazê-lo conhecer a sua cultura antes de divulgá-la para fora e valorizá-la", relatou Rafael Bruno. O Maranhão é vasto, e sua diversidade cultural vai além da gastronomia da ilha de São Luís. O estado abriga influências da Amazônia, do cerrado e de suas fronteiras, resultando em uma riqueza gastronômica ainda pouco explorada.

O Maranhão foi um grande exportador de arroz, e esse grão desempenha um fundamental da dieta maranhense. "Temos arroz de cuxá, de capote, arroz com frutos do mar, tem arroz com galinha, arroz com carne seca, arroz com fava, arroz de tudo o que você quiser. Por isso, falo que o prato típico é o arroz", disse o chef.

Além do arroz, o Maranhão oferece muitos outros tesouros gastronômicos, como os mangues que fornecem o caranguejo, muito consumido no estado, e o camarão branco. Rafael Bruno está empenhado em mostrar ao mundo que o Maranhão vai muito além das águas do mar, e sua gastronomia é uma das joias mais preciosas a serem descobertas.

Na sua jornada, chef Rafael está dedicado a transformar a diversidade cultural do Maranhão em pratos típicos que representem verdadeiramente o estado. Seu amor pela culinária maranhense e seu compromisso com a valorização da cultura local o tornam uma figura essencial na preservação e promoção do patrimônio gastronômico da sua terra natal.



FOTO: CLAYTON FARIAS

Descubra as curiosidades e maravilhas do *gin luar*, o primeiro "*gin* maranhense".



FOTO: MARIA CLARA AROSO

FEIRINHA SÃO LUÍS REÚNE OS SABORES DA CULINÁRIA MARANHENSE

Nas manhãs de domingo, São Luís se transforma em um cenário vibrante de cultura, gastronomia e arte. A Feirinha São Luís, promovida pela Prefeitura Municipal em parceria com a Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento (Semapa), é um evento que conquistou o coração dos ludovicenses e visitantes, oferecendo uma experiência única de encontro e celebração.

No "Espaço Gastronomia" da Praça João Lisboa, os amantes da culinária têm a oportunidade de degustar pratos típicos do Maranhão preparados com maestria. Entre as barracas, é possível encontrar verdadeiras iguarias culinárias. Um exemplo é o arroz de cuxá, uma das joias da culinária maranhense, elaborado com camarões secos e vinagreira, proporcionando um sabor inigualável.

Dentre tantas opções, conhecemos Vinólya Botelho, dona de uma das barracas de comida típica. Ela nos contou um pouco de sua experiência trabalhando aos domingos na feirinha. "A feirinha, aguça, alcançou na verdade, o êxtase da cultura maranhense. Todos os domingos aqui é um pedacinho da cultura maranhense, tanto na gastronomia quanto musicalmente".

A Feirinha São Luís atrai visitantes de todo o país e do mundo, que vêm em busca dos sabores que só podem ser encontrados aqui. Quando questionada, Vinólya revelou que os turistas demonstram um grande interesse por pratos à base de frutos do mar, especialmente pelo camarão mergulhado, que é um verdadeiro destaque.

A diversidade de ingredientes e sabores que caracteriza a culinária maranhense é um reflexo da rica herança cultural que moldou nosso estado ao longo dos séculos. Pratos como o arroz de cuxá e a torta de camarão, entre outros, representam uma fusão única de influências indígenas, africanas e europeias.

Essa fusão de influências culturais ainda se faz presente nas diversas abordagens usadas para preparar os pratos típicos da culinária maranhense. Vinólya Botelho, por exemplo, aprecia fazer adaptações em algumas receitas tradicionais. "O caruru tradicionalmente não leva gergelim torrado socado, mas eu incluo esse ingrediente no meu", revelou Vinólya. Além disso, ela possui uma abordagem singular para a preparação do renomado arroz de cuxá. "Aqui no Maranhão, eu ainda preparo o arroz de cuxá de maneira artesanal. Não o liquidifico, em vez disso, trituro manualmente a vinagreira, pico os camarões e os misturo ao arroz", explicou. Segundo ela, essa é uma forma de manter a tradição viva. "Tudo o que faço é muito adaptado, com meu toque pessoal. Eu cozinho da mesma maneira que minha avó cozinhava, seguindo a tradição. Minha barraca é totalmente tradicional", enfatizou.

As tradições desempenham um papel fundamental na cultura de uma sociedade, abrangendo rituais, costumes, histórias e valores transmitidos de geração em geração. Ao acolher e seguir essas tradições, preservamos nossa identidade cultural e mantemos vivas as raízes de nossa comunidade. Esse é um dos principais objetivos da Feirinha São Luís. "A importância de estar aqui na Feirinha para mim é a alegria e a satisfação que sinto quando as pessoas provam minha comida. É incrível ser reconhecida como referência. Isso tem um grande significado para mim", compartilhou Vinólya.

A Feirinha São Luís transcende a mera celebração gastronômica. Trata-se de um evento que fomenta a cultura local, impulsiona a economia e fortalece o turismo. Estabelecida pela Lei Municipal n° 6.871, de 23/12/2020, a feira se consolidou como um espaço vital para a expressão cultural. Muitas pessoas dependem desse ambiente para sustentar suas famílias e preservar suas tradições culinárias. Além disso, desempenha um papel crucial na economia local, contribuindo de diversas maneiras para o desenvolvimento econômico da região.

A Feirinha São Luís é um exemplo concreto de como eventos locais como esse podem ter um impacto positivo em diversos aspectos da vida econômica e social de nossa cidade. Ela transcende a simples definição de mercado ao ar livre, pois se torna um local de encontro, uma celebração da riqueza cultural e gastronômica da cidade, e uma demonstração do espírito colaborativo que torna São Luís tão especial.



FOTO: FERNANDA AQUINO

Uma voz TRANSFORMADORA PARA CRIANÇAS

Conheça a trajetória da psicóloga e escritora Tatiana Carvalho

Por: Fernanda Aquino

"Antes de ser psicóloga, eu já tinha uma paixão por livros" revela Tatiana Carvalho, 45 anos, graduada, mestre e doutoranda em Psicologia. Apaixonada por livros desde criança, a maranhense Tatiana confessa influência de sua professora da primeira série, Solange Aquino, responsável por fazê-la enxergar sua habilidade para escrita. "Ela foi uma pessoa que me fez perceber que eu tinha uma boa habilidade para escrever, ela elogiava minhas redações, mostrava na escola para todo mundo, gostava das minhas ideias."

Além da tia Sol, carinhosamente apelidada, a família de Tatiana também teve presença marcante na sua vida. Mãe de três filhos e avó, conta que a rotina com os netos a ajudaram a reacender o antigo desejo de escrever livros infantis.

Uma de suas maiores inspirações no âmbito acadêmico foi o neuropsiquiatra austríaco Viktor Frankl, fundador da logoterapia e análise existencial. Hoje, ela utiliza suas teorias para escrever livros infantis, escrevendo de forma mais didática e simples para a compreensão das crianças. O seu último livro publicado "O presente de Mateus" aborda o luto, uma experiência que muitas crianças têm passado, principalmente após a pandemia. Usando de sua própria experiência, com a perda da sua irmã mais nova, Tatiana usa essa vivência como bagagem para escrever o livro. Embora, o assunto seja mais pesado, ela e sua amiga, Ana Paula Zeferino Renó, que também participou da escrita do livro, conseguiram tratar o assunto de forma de leve, singela e delicada.

Tatiana admite que o momento mais impactante da sua vida foi a morte da sua irmã mais nova, na época ela era estudante de psicologia e já tinha sua primeira filha. A perda precoce causou uma grande mobilização interna, mas reacendeu a sua religiosidade e fortaleceu a sua busca interior por respostas e forças para lidar com o momento difícil. Nessa ocasião, mais uma vez, a sua grande referência, Viktor Frankl, a ajudou a enxergar sentido no sofrimento. "O Viktor

Frankl dizia que o sentido da vida é a própria vida. Então, o fato da vida humana sempre nos proporcionar muitas possibilidades de realização, faz com que a vida sempre tenha sentido, porque se você está num momento feliz, você tem a possibilidade de desfrutar daquilo. Se está num momento difícil, você tem a possibilidade de usar da sua criatividade para tentar transformar aquela situação". Além disso, o nascimento dos filhos e netos também foram momentos impactantes e especiais. "Cada novo ser é uma nova alegria, uma nova experiência. Uma nova vida iniciando com tantas possibilidades".

A leitura sempre esteve presente na vida de Tatiana, desde a sua infância, mas na adolescência com o nascimento da sua primeira filha e a responsabilidade de escolher uma profissão para seguir, o desejo de ser escritora acabou ficando em segundo plano. Na época, em busca por estabilidade financeira, ela procurou por uma carreira mais formal. "Me vinha em mente a Psicologia, até porque eu não tinha noção da carreira de escritora como algo principal. Algo que poderia ser a minha via principal. Eu sempre coloquei como algo assim, quando eu tiver tempo, quero me dedicar à isso". No entanto, durante esse mesmo período, ela desenvolveu um interesse genuíno pela Psicologia, enxergando-a não como apenas uma fonte de renda ou status, mas como uma verdadeira vocação. Com o nascimento da filha, a paixão pelos livros não mudou, e ela passou a incentivá-la a ler. "Eu sempre gostei de incentivar não só ela, mas todos, depois vieram mais dois. Mas, nessa época, era só ela. Então, eu sempre valorizei muito a possibilidade de ter contato com livros, com atividades gráficas, fazer desenhos".

Sobre o processo de escrita de um livro, Tatiana descreve-o como um momento peculiar.

Com uma rotina agitada repleta de compromissos e pouco tempo disponível, ela compartilha que o último livro que está escrevendo, voltado para as crianças e abordando o Holocausto, já está sendo escrito há três anos. Embora faça pausas em sua escrita, ela enfatiza que não o abandonou completamente; continua trabalhando nele de uma forma indireta e progressiva. No entanto, Tatiana planeja reservar um tempo para se dedicar mais profundamente aos processos criativos em geral. Ela relembra como seu primeiro livro, "A luz de Luana", escrito em parceria com sua amiga Ana Paula, surgiu de um insight, após uma reunião intensa e muita troca de ideias. Naquela tarde, praticamente escreveram todo o livro, e Tatiana enfatiza como a colaboração com sua amiga foi fundamental para a criação da obra. "Ajudou muito também essa questão desse compromisso uma com a outra. De a gente se planejar e assim ó, vamos achar uma hora semana que vem, que horas tu podes, aí a gente achou aquele horário. Ficou reservado pra aquilo. Eu sozinha dentro da minha rotina é mais difícil ter essa disciplina".

> ***"Ter um momento mais reflexivo, mais de contemplação, mais de calmaria, acho que é fundamental. Até para a própria descoberta do sentido"***
>
> *Tatiana Carvalho*

No tempo livre, apesar de ser muito raro, Tatiana gosta de fazer viagens a lazer, conhecer culturas e experiências diferentes. Continua gostando de ler, mas com a rotina corrida, suas leituras são mais acadêmicas e científicas. Um outro hobby, é assistir ao pôr do sol, estar em contato com a natureza e claro, com a família. Especialmente seus netinhos, gosta de sentar no chão e ler histórias para eles, desenhar, fazer atividades gráficas que eles gostam, mas principalmente, ler historinhas, são sua parte favorita.

Algo que a caracteriza muito como ser humano, é a sua abertura para conhecer pessoas, experiências novas, dar soluções para acontecimentos do cotidiano. Através de seus livros, a psicóloga quer abordar assuntos mais complexos, tanto para crianças, como futuramente, para adolescentes. "Essa abertura para a vida, para o mundo, para as pessoas, para as coisas novas, para experiências diferentes e enriquecedoras. Eu acho que isso é uma das minhas características". Outro aspecto de sua personalidade é a necessidade de um momento de introspecção, para se escutar, se comunicar com Deus e encontrar a calmaria dentro de si. "Ter um momento mais reflexivo, mais de contemplação, mais de calmaria, acho que é fundamental. Até para a própria descoberta do sentido. Às vezes a gente vivencia uma série de situações e sem esse momento de cultivar um pouquinho mais a interioridade a gente não consegue ter o discernimento adequado".



FOTO: FERNANDA AQUINO



FOTO: ARQUIVO DO LIVRO SALVE CAIXEIRAS
DO DIVINO – TRADIÇÃO E MEMÓRIA | ARQUIVO CEDIDO



O SAGRADO E O PROFANO DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Uma jornada de fé que atravessou os séculos

Por: Odara Pereira, Nayra Kayllen Lima, Emanuelly Araújo, Luanda Cristina, Eduarda Luz

A Festa do Divino Espírito Santo, uma das manifestações religiosas mais significativas e antigas do mundo cristão, tem início 50 dias após o domingo de Páscoa, no dia de Pentecostes. Este evento litúrgico, que integra o calendário católico, celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Cristo.

De acordo com Maria Gabriela, mediadora do museu do Divino, localizado em Alcântara, no Maranhão, "uma das teorias sobre a origem da Festa do Divino está ligada à construção de uma igreja dedicada ao Espírito Santo em uma vila chamada Alenquer, em Portugal, determinada pela rainha Isabel antes da Reforma Católica, e seguido de uma solenidade de coroação do Imperador do Divino". Gabriela também explicou que há quem acredite que a festividade teve início em Coimbra, por intermédio de Dom Diniz (1262-1325), Rei de Portugal, e sua esposa.

A celebração do Divino Espírito Santo logo se espalhou por várias outras cidades de Portugal, incluindo os Açores, um pequeno arquipélago transcontinental, onde há evidências de sua presença desde o século XVI. Aos poucos, a festa ganhou destaque em outras regiões do Ocidente.

No Brasil, a festa do Divino Espirito Santo chegou no mesmo século e se difundiu por vários estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Goiás e Maranhão. No século XIX, marcado pelo crescimento urbano e pela marcante presença de africanos, portugueses e açorianos, a festa se transformou em uma das principais manifestações religiosas do país. Foi somente no fim do século XVIII e, principalmente, no século XIX, que ela alcançou seu pleno desenvolvimento.

Uma festa anual e tradicional da cidade de Alcântara



Em meados do século XIX, a tradição da festa do Divino estava firmemente enraizada entre a população da cidade de Alcântara, de onde teria se espalhado para o resto do Maranhão, tornando-se muito popular entre as diversas camadas sociais, especialmente entre os menos favorecidos.

O mistério que envolve a origem da festa em Alcântara é intrigante. Os registros históricos são escassos, e os envolvidos na celebração reconhecem a ausência de informações precisas sobre seu surgimento. Moacir Amorim, coordenador da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara por mais de cinco décadas, informou que não há documentos ou livros que indiquem uma data exata para o início do evento.

No entanto, o que é inegável é o espírito de unidade e fraternidade que a comunidade alcantarense demonstra na realização dessa festividade. Para Moacir, a verdadeira essência da celebração transcende sua origem incerta: "Em Alcântara, não importa quando a festa começou, o que importa é que, a cada ano, as portas da cidade se abrem para 13 dias de festa. Devotos rendem graças, fazem pedidos e acendem suas velas ao Santo, considerado a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade", revelou.

Embora seja uma festa móvel, a Festa do Divino tem uma programação fixa que segue um roteiro tradicional, repetido a cada ano. A festa tem início na Quarta-feira da Ascensão, quando a comunidade se reúne para percorrer as ruas da cidade, acompanhando a romaria do Mastro do Divino, um dos símbolos mais marcantes da celebração.

A aposentada, Helena de Sousa, com seus 68 anos de idade, é uma nativa de Alcântara que participa todos os anos do festejo. Ela conta que "o percurso é todo acompanhado de música de orquestra, animação, fogos e toque de caixa, até o momento em que o mastro é erguido na Praça da Matriz, perto das ruínas da antiga Igreja Matriz de São Matias".

No Domingo de Pentecostes, acontece o encerramento. De acordo com o atual coordenador da festa, Antônio do Livramento, "esse dia é um misto de muitas coisas. Para uns, é o dia mais bonito da festa, conhecido como o 'dia do fogo', onde a cor vermelha simboliza o Espírito Santo. Para outros, é o final da festa, marcado pela leitura do Pelouro. O domingo é repleto de significados", comentou.

Nesse dia especial, todas as atenções convergem para casa do Império, onde são servidos chocolates, bebidas e um almoço gratuito. As celebrações religiosas desse dia são inteiramente dedicadas ao Espírito Santo. No final da tarde, acontece a procissão de Santa Croa que toma as ruas da cidade, com a Imagem do Divino colocada em um andor adornado, como explicou seu Coló, como é conhecido o coordenador na região.

Ana Oliveira, moradora da cidade de Alcântara há mais de quatro décadas, conta que foi bandeirinha dos oito aos 15 anos de idade. Ela explicou que esse ritual é inspirado no período colonial e representa o Império ou Reinado, sendo encenado por jovens vestidos com trajes nobres e tratados com a devida reverência durante as cerimônias. "Os cortejos e rituais são ricos em arte, com roupas bem elaboradas, cânticos, dança e comidas em grande quantidade preparadas pelo próprio povo de Alcântara, que é devoto do Divino e se empenha na realização da festa", revelou Ana com orgulho.

A fartura na comida é um dos elementos simbólicos importantes da Festa do Divino Espírito Santo. Conforme a tradição, acredita-se que aqueles que se alimentam durante a celebração sempre terão comida em sua casa. No entanto, os organizadores precisam exercer uma vigilância rigorosa para evitar tanto o desperdício quanto possíveis furtos, garantindo assim que a generosidade da festa alcance seu propósito de compartilhar a bênção da abundância com todos os participantes.

Gabriel Carvalho, que também atua como mediador na Casa do Divino, deu uma visão detalhada da estrutura dos cargos e das fases que compõem essa festividade. "A estrutura da corte imperial segue uma hierarquia claramente definida, composta pelo Impe-



FOTO: MURILO SANTOS, 2022

rador ou Imperatriz, mordomo(a)-mor e mordomo(a)-régio(a). Ao término de cada festa, o Imperador ou Imperatriz transfere seus cargos para os mordomos(as)-mor, dando início a um novo ciclo que culmina nos preparativos para a festa do ano seguinte," explicou.

Gabriel destacou ainda, que o coração da festa é representado pelo palácio real, simbolizado por um salão denominado Tribuna. A abertura e o fechamento da Tribuna marcam, respectivamente, o início e o fim da festa. Durante esse período, a corte imperial segue um ritual complexo e minucioso, que pode se estender por até 12 dias ou mais.

A infraestrutura das casas de festas desempenha um papel crucial, com a necessidade de cortinas, toalhas, almofadas, bandeiras e móveis especiais para as mesas de doces, para a Tribuna do Império e o altar. Além disso, é preciso cuidar do reparo dos instrumentos musicais, conhecidos como caixas do Divino, bem como providenciar um local para armazenar os mantimentos e preparar e conservar os alimentos que serão consumidos durante a festa.

O transporte e a preparação do mastro também são aspectos essenciais, assim como a logística para o deslocamento dos participantes no dia da missa, que é celebrada em uma das igrejas da cidade. Tudo isso evidencia a complexidade e o cuidado envolvidos na organização dessa tradicional celebração.

As Caixeiras do Divino Espírito Santo

As 'Caixeiras' são mulheres devotas que formam uma irmandade dedicada às cerimônias festivas em homenagem ao Divino Espírito Santo. Elas representam uma comunidade unida, muitas vezes composta por mulheres negras com idades frequentemente acima dos 40 anos, provenientes de bairros periféricos ou integrantes das comunidades quilombolas locais. Esta tradição, que abrange tanto o aspecto musical quanto ritual, tem sido cuidadosamente transmitida ao longo da história por mulheres que delegam esse patrimônio cultural às suas filhas e sobrinhas através da tradição oral.

Além disso, essa rica tradição também encontra meios alternativos para ser preservada e repassada. Isso inclui mulheres que acompanharam suas avós, tias ou mães desde a infância; aquelas que, em idades mais avançadas, decidiram se engajar na prática por vontade própria; e até mesmo as mulheres que, na infância, desempenharam o papel de bandeirinhas e, mais tarde, na adolescência ou fase adulta, assumiram o papel de Caixeiras.

Marlene Silva, conhecida como "Dona Malá" ou "Colega", é uma das Caixeiras mais antigas e ativas nas celebrações da Festa do Divino em Alcântara. Com seus 80 anos de idade, ela relembra que iniciou sua participação nos festejos aos 10 anos, ao lado de suas irmãs Anna Benedita (conhecida como Anica), Maria e Irene.

O caminho para se tornar uma 'Caixeira' exige percorrer diversos cargos anteriores, e dona Marlene descreveu sua trajetória: "Em minha iniciação comecei como bandeirinha e quando fui pegando mais experiência alcancei a função de tocadora de caixa. Hoje, possuo mais de 40 anos no cargo", contou dona Marlene. A história de dona Marlene e de suas companheiras Caixeiras é marcada por um profundo vínculo com a fé, e essa conexão comum as une em uma jornada de devoção e preservação cultural que transcende gerações.

Maria Celeste Santos é Caixeira na Casa das Minas, localizada em São Luís, desde 1950, tendo mergulhado nessa celebração aos oito anos. Todo esse tempo de experiência fizeram de Celeste uma grande conhecedora das nuances da tradição que envolve a Festa do Divino. Ela detém o título de "Caixeira Régia", uma posição de extrema relevância na festa que requer um profundo domínio de todos os cânticos e minúcias dos rituais. Como líder, ela desempenha um papel fundamental na direção e orientação de todas as outras Caixeiras.

A partir de 1969, Maria Celeste assumiu a tarefa de organizar a festa na Casa das Minas. Atualmente, ela continua a contribuir ativamente para a realização da festividade na capital e oferece sua orientação para celebrações semelhantes em outras loca

Uma festa anual e tradicional da cidade de Alcântara

Em meados do século XIX, a tradição da festa do Divino estava firmemente enraizada entre a população da cidade de Alcântara, de onde teria se espalhado para o resto do Maranhão, tornando-se muito popular entre as diversas camadas sociais, especialmente entre os menos favorecidos.

O mistério que envolve a origem da festa em Alcântara é intrigante. Os registros históricos são escassos, e os envolvidos na celebração reconhecem a ausência de informações precisas sobre seu surgimento. Moacir Amorim, coordenador da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara por mais de cinco décadas, informou que não há documentos ou livros que indiquem uma data exata para o início do evento.

No entanto, o que é inegável é o espírito de unidade e fraternidade que a comunidade alcantarense demonstra na realização dessa festividade. Para Moacir, a verdadeira essência da celebração transcende sua origem incerta: "Em Alcântara, não importa quando a festa começou, o que importa é que, a cada ano, as portas da cidade se abrem para 13 dias de festa. Devotos rendem graças, fazem pedidos e acendem suas velas ao Santo, considerado a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade", revelou.

Embora seja uma festa móvel, a Festa do Divino tem uma programação fixa que segue um roteiro tradicional, repetido a cada ano. A festa tem início na Quarta-feira da Ascensão, quando a comunidade se reúne para percorrer as ruas da cidade, acompanhando a romaria do Mastro do Divino, um dos símbolos mais marcantes da celebração.

A aposentada, Helena de Sousa, com seus 68 anos de idade, é uma nativa de Alcântara que participa todos os anos do festejo. Ela conta que "o percurso é todo acompanhado de música de orquestra, animação, fogos e toque de caixa, até o momento em que o mastro é erguido na Praça da Matriz, perto das ruínas da antiga Igreja Matriz de São Matias".

No Domingo de Pentecostes, acontece o encerramento. De acordo com o atual coordenador da festa, Antônio do Livramento, "esse dia é um misto de muitas coisas. Para uns, é o dia mais bonito da festa, conhecido como o 'dia do fogo', onde a cor vermelha simboliza o Espírito Santo. Para outros, é o final da festa, marcado pela leitura do Pelouro. O domingo é repleto de significados", comentou.

Nesse dia especial, todas as atenções convergem para casa do Império, onde são servidos chocolates, bebidas e um almoço gratuito. As celebrações religiosas desse dia são inteiramente dedicadas ao Espírito Santo. No final da tarde, acontece a procissão de Santa Croa que toma as ruas da cidade, com a Imagem do Divino colocada em um andor adornado, como explicou seu Coló, como é conhecido o coordenador na região.

Ana Oliveira, moradora da cidade de Alcântara há mais de quatro décadas, conta que foi bandeirinha dos oito aos 15 anos de idade. Ela explicou que esse ritual é inspirado no período colonial e representa o Império ou Reinado, sendo encenado por jovens vestidos com trajes nobres e tratados com a devida reverência durante as cerimônias. "Os cortejos e rituais são ricos em arte, com roupas bem elaboradas, cânticos, dança e comidas em grande quantidade preparadas pelo próprio povo de Alcântara, que é devoto do Divino e se empenha na realização da festa", revelou Ana com orgulho.

A fartura na comida é um dos elementos simbólicos importantes da



FOTO: MURILO SANTOS, 2022

Festa do Divino Espírito Santo. Conforme a tradição, acredita-se que aqueles que se alimentam durante a celebração sempre terão comida em sua casa. No entanto, os organizadores precisam exercer uma vigilância rigorosa para evitar tanto o desperdício quanto possíveis furtos, garantindo assim que a generosidade da festa alcance seu propósito de compartilhar a bênção da abundância com todos os participantes.

Gabriel Carvalho, que também atua como mediador na Casa do Divino, deu uma visão detalhada da estrutura dos cargos e das fases que compõem essa festividade. “A estrutura da corte imperial segue uma hierarquia claramente definida, composta pelo Imperador ou Imperatriz, mordomo(a)-mor e mordomo(a)-régio(a). Ao término de cada festa, o Imperador ou Imperatriz transfere seus cargos para os mordomos(as)-mor, dando início a um novo ciclo que culmina nos preparativos para a festa do ano seguinte,” explicou.

Gabriel destacou ainda, que o coração da festa é representado pelo palácio real, simbolizado por um salão denominado Tribuna. A abertura e o fechamento da Tribuna marcam, respectivamente, o início e o fim da festa. Durante esse período, a corte imperial segue um ritual complexo e minucioso, que pode se estender por até 12 dias ou mais.

A infraestrutura das casas de festas desempenha um papel crucial, com a necessidade de cortinas, toalhas, almofadas, bandeiras e móveis especiais para as mesas de doces, para a Tribuna do Império e o altar. Além disso, é preciso cuidar do reparo dos instrumentos musicais, conhecidos como caixas do Divino, bem como providenciar um local para armazenar os mantimentos e preparar e conservar os alimentos que serão consumidos durante a festa.

O transporte e a preparação do mastro também são aspectos essenciais, assim como a logística para o deslocamento dos participantes no dia da missa, que é celebrada em uma das igrejas da cidade. Tudo isso evidencia a complexidade e o cuidado envolvidos na organização dessa tradicional celebração.

6 CURIOSIDADES SOBRE AS CAIXEIRAS

1 *As Caixeiras do Divino são responsáveis por conduzir todos os rituais da festa do Divino Espírito Santo no Maranhão.*

2 *Com tambores de pele de couro de cabra, as caixeiras participam de todas as etapas da festa, com seu batuque e suas cantorias.*

3 *Para fazer parte da irmandade, é necessário se encaixar nas regras e deveres das caixeiras, bem como ter interesse ou conhecimentos específicos sobre o toque de caixa.*

4 *Seu repertório é improvisado e composto por músicas que falam sobre as lembranças de infância, seu cotidiano, a tradição da comunidade, bem como sobre a devoção e fé pelo Divino Espírito Santo*

5 *As cores das roupas obedecem aos ritos, como por exemplo: na quinta-feira de ascensão, veste-se o branco; na quarta-feira, veste-se o vermelho e no último domingo, veste-se rosa.*

6 *Assim como na festa do Divino, as caixeiras também obedecem a uma hierarquia dentro do grupo, tais como: Caixeira Régia, Caixeira-Mor, ajudantes e bandeirinhas. A Caixeira-Régia é a líder e está acima da Mor.*

Confira uma entrevista completa com uma Caixeira!



FOTO: LUCIANO TAVARES

DESCOBRINDO AS BELEZAS NATURAIS DA RAPOSA

Município que compõe a Ilha de São Luís, a Raposa se destaca como um polo turístico em ascensão

Por: Ana Caroline, Beatriz Altina, Elderson Almeida, Larissa Carneiro, Luciano Tavares e Tenile Nascimento

Raposa é um município que fica localizado a 30 km da capital maranhense. Apesar de ter apenas 28 anos de existência, já se destaca como um dos principais polos turísticos do estado do Maranhão. A cidade foi fundada por famílias de pescadores, em sua maioria vindas do estado do Ceará, especialmente da cidade de Acaraú. Alguns desses pioneiros se estabeleceram na região nas décadas de 1940, trazendo consigo tradições, habilidades e costumes, como a tecelagem, o artesanato e, principalmente, a pesca, que se tornou uma das principais fontes de renda das famílias locais.

Raposa tem se destacado no turismo devido à presença de atrações naturais incríveis, como as Dunas de Carimã, frequentemente chamadas de "Pequenos Lençóis Maranhenses". Além disso, a cidade oferece a oportunidade de explorar praias deslumbrantes como Carimã, Mangue Seco, Ilha das Ostras e Banho do Marisco. De acordo com a Secretaria de Turismo, durante o período de férias, que compreendem os meses de janeiro a março e junho a julho, aproximadamente 10 mil visitantes desfrutam das belezas de Raposa, com a afluência reduzindo pela metade nos demais meses do ano.

Ao chegarem à cidade, os turistas podem contar com o Centro de Atendimento ao Turista (CAT), localizado no cais da Raposa. No Centro eles recebem assistência de guias turísticos e profissionais especializados. Esses profissionais fornecem mapas e materiais promocionais sobre os destinos turísticos do Maranhão, possibilitando que os visitantes explorem os encantos da região.

Carol Brandão, que trabalha como atendente no CAT há sete anos, relatou que o fluxo de visitantes é particularmente intenso nos finais de semana e durante as férias. "Nós atendemos muitos turistas estrangeiros, inclusive da Espanha e de outros lugares, que retornam para visitar novamente", relatou. "A gente atende turistas de diversos perfis, tem o turista que vem a trabalho, o que vem a passeio e o de negócios", complementou a funcionária do CAT. O governo do Maranhão, por meio da Secretaria de Turismo, oferece cursos de capacitação para os atendentes a cada dois meses, para garantir um serviço de qualidade.

Carol, que é moradora de Raposa, também ressaltou que os habitantes locais desempenham um papel fundamental na economia da cidade. Muitos deles são proprietários de negócios, como restaurantes e agências de turismo. "Eu recomendo que aqueles que ainda não conhecem Raposa e suas belas atrações venham visitar, pois tenho certeza de que vão se encantar", finalizou.

Passeio Fronhas Maranhenses

As Dunas de Carimã, também conhecidas como Fronhas Maranhenses, são o ponto turístico mais emblemático de Raposa. O ponto de partida para os passeios até as dunas é no Porto do Braga ou no Cais da Raposa. É recomendável que os passeios comecem pela manhã, devido às variações das marés, e que sejam reservados com antecedência, devido ao grande número de turistas que visitam o local. Os preços variam de acordo com a duração do passeio; uma excursão de 2 horas custa 50 reais, podendo chegar a 90 reais, dependendo de fatores como a qualidade da embarcação e o tempo que o turista deseja passar nas dunas.

Partindo do Cais da Raposa, o trajeto até as Dunas de Carimã tem duração de apenas 15 minutos. Durante esse percurso os visitantes têm a oportunidade de apreciar diversos elementos que compõem a paisagem, incluindo a água cristalina, os manguezais que abrigam guarás-vermelhos e os sinuosos canais de água. A água frequentemente reflete o céu azul, criando um contraste visual impressionante com o verde dos manguezais.

Quando se trata de destinos como Raposa, os guias de turismo desempenham um papel essencial na experiência de qualquer viajante que deseja explorar a rica diversidade cultural e natural que o local oferece. Robson Souza, proprietário da agência de turismo Fronhas Tour e vencedor do prêmio Cazumbá de Turismo, falou sobre sua experiência como guia na região há mais de 20 anos. Robson relatou ainda como é feito o planejamento para os passeios: "A gente já tem um roteiro próprio, com três tipos de opções: de duas horas, de quatro ou do dia inteiro. Então a gente marca com as pessoas e perguntamos qual roteiro elas querem fazer. O horário depende da maré, a pessoa liga para gente e olhamos no Google para saber qual o melhor momento para saída", explicou Robson. O proprietário da Fronhas Tour concluiu dando dicas sobre os passeios. "Além das dunas de Carimã, temos a Lagoa de Carimã, a criação de ostras e, é claro, não pode faltar um delicioso peixe assado a bordo".

As Fronhas Maranhenses são uma das características mais impressionantes e emblemáticas dessa região. Elas acrescentam uma beleza única e uma experiência visual deslumbrante ao ambiente. São formadas por uma areia branca e fina e apresentam uma variação de altura que pode atingir até 40 metros. De um lado fica o braço do mar, enquanto do outro lado está o oceano aberto, onde é possível avistar a praia de Carimã.

Fernando Siqueira, um turista de Brasília, compartilhou sua experiência ao visitar as Dunas de Carimã pela primeira vez. "O lugar é realmente bonito, a natureza em si é incrível. Eu recomendo muito que as pessoas venham visitar; é verdadeiramente um cenário exuberante", relatou.

Apesar de Raposa estar emergindo como um importante destino turístico, é evidente a necessidade de melhorias essenciais em sua infraestrutura urbana. A qualidade da infraestrutura na cidade é uma preocupação que afeta diretamente a vida dos moradores e dos empresários locais.

Tanto os habitantes quanto os visitantes enfrentam desafios consideráveis em relação à infraestrutura básica. Questões como buracos nas vias, a falta de segurança nas passarelas e a ausência de um planejamento urbano adequado têm um impacto profundo na qualidade de vida dos moradores, ao mesmo tempo em que prejudicam a experiência dos turistas que optam por visitar a região.

Visitantes da cidade, Grajaú, Júnior Silva e Lucas Gomes, compartilharam suas observações sobre a situação do cais da cidade. "A passarela onde os turistas tiram fotos não está segura", destacou Júnior. Lucas complementou, afirmando que "em muitos pontos, a estrutura de madeira está quebrada e há vários buracos". Esses depoimentos ressaltam a necessidade urgente de atenção e investimentos na infraestrutura local.

De acordo com o secretário de Turismo de Raposa, Edson Duarte, em colaboração com o Plano de Desenvolvimento do Turismo e o Conselho Municipal de Turismo - COMTUR, foram identificadas ações prioritárias para aprimorar o acesso aos principais pontos turísticos do município. Estas incluem a requalificação da praça do Viva Raposa e a melhoria do píer de embarque e desembarque do Porto do Braga. "A melhoria da infraestrutura é uma necessidade para impulsionar o crescimento econômico, garantir a segurança dos cidadãos e criar um ambiente mais saudável e seguro", destacou o secretário.



FOTO: LUCIANO TAVARES



FOTO: LUCIANO TAVARES

A força da pesca e do artesanato

Raposa se posiciona como o sexto município mais populoso na região de São Luís, abrigando uma comunidade com cerca de 30,8 mil habitantes. A cidade é caracterizada por uma vigorosa atividade econômica que se sobressai pela sua influência significativa tanto no âmbito local quanto regional. Com ênfase nas atividades pesqueiras e no artesanato, esses setores desempenham um papel crucial na geração de renda, envolvendo ativamente os residentes locais.

De acordo com o secretário municipal de Turismo, Edson Duarte, o turismo náutico é responsável por gerar cerca de 150 empregos, abrangendo funções como marinheiros, auxiliares de convés, condutores de turismo, grelhadores e pessoal de apoio. Paralelamente, os restaurantes tradicionais proporcionam oportunidades de emprego para aproximadamente 500 indivíduos, incluindo garçons, cozinheiros, ajudantes de cozinha e membros da equipe de apoio. Por sua vez, as lojas de artesanato contribuem com aproximadamente 80 postos de trabalho, envolvendo proprietários, rendeiras e outros artesãos que fornecem produtos artesanais para esses estabelecimentos.

Segundo Raíssa Fortes, da Secretaria de Pesca, a Colônia de Pescadores Z-53, localizada na avenida principal de Raposa, conta com um total de 7.570 associados. De acordo com pescadores locais, a maioria dos peixes é vendida na feira de São Luís, destacando-se espécies como uritinga, pescadinha, bandeirado, serra e gurijuba.

Com sua rica cultura, paisagens naturais deslumbrantes e uma comunidade acolhedora, Raposa oferece aos visitantes uma experiência verdadeiramente única, que vai muito além das praias e das vistas panorâmicas impressionantes. A cidade celebra de maneira autêntica a identidade maranhense, proporcionando aos visitantes a oportunidade de mergulhar nas tradições locais, saborear gostos únicos e desvendar histórias fascinantes.

Com um futuro promissor no turismo, o município serve como um exemplo inspirador de como essa atividade pode contribuir para o desenvolvimento de comunidades locais, ao mesmo tempo em que preserva sua cultura e meio ambiente. Raposa é um destino que merece a atenção daqueles que buscam explorar lugares genuínos e vivenciar experiências enriquecedoras.

Infraestrutura

O município de Raposa enfrenta desafios em sua infraestrutura que impactam diretamente o setor turístico. Os pontos de atração turística da região carecem de melhorias que possam torná-los mais atrativos e valorizados, criando um ambiente propício para o aumento da visitação.

Especificamente no cais, problemas críticos afloram, sobretudo no que tange ao pavimento. Uma parte considerável das pedras se encontra solta, criando riscos potenciais de acidentes para aqueles que frequentam o local. A consequência desse cenário é o surgimento de desníveis no pavimento e a formação de buracos, agravando ainda mais a segurança dos visitantes e moradores.

A área de tabuado é outro ponto crítico que exige intervenções imediatas, pois uma parte está quebrada e com buracos. Esse problema se estende até o Porto do Braga, onde as condições de infraestrutura também estão em estado precário.

Para resolver esses problemas, o Secretário Municipal de Infraestrutura, Patrício Filho, informou que estão em andamento um conjunto de iniciativas para melhorias da infraestrutura de Raposa, que incluem ações de reparo de buracos e pavimentação de vias com a utilização de concreto, bloquetes e asfalto. Segundo Patrício Filho, os esforços estão concentrados nas avenidas da entrada da cidade, abrangendo a região do Recanto dos Poetas e uma parte do bairro da Pirâmide. Nessas avenidas, que possuem aproximadamente quatro quilômetros de extensão, estão sendo feitos reparos do meio-fio e instalação de sarjetas.

O secretário mencionou ainda que, no Porto do Braga as obras estão atualmente em andamento e sendo conduzidas pelo Governo do Estado. Esse local é um ponto de atração para diversos turistas que buscam desfrutar de passeios náuticos, incluindo passeios de barco, lancha, jet ski, além das atividades de pesca, um dos pontos fortes da economia do município. Também seguem ações na orla do Viva da Raposa e da passarela.

"Reforçando essas medidas, o prefeito reuniu com o titular da segurança do estado para solicitar mais políticas nesse segmento. Todas as ações são realizadas com recursos próprios do município, mas estamos buscando parcerias", frisou Patrício Filho. Finalizando, o secretário ressaltou que a infraestrutura de Raposa é uma preocupação que afeta diretamente a vida dos moradores, comerciantes e visitantes, o que fortalece a necessidade de mais investimentos e melhorias.

RENDEIRAS:
o encanto de mãos habilidosas

Ao percorrer as ruas de Raposa, é impossível não se deixar encantar pela riqueza de cores e formas que adornam as lojas de artesanato. A arte das rendeiras proporciona uma viagem pelo universo feminino, onde mulheres habilidosas entrelaçam o cotidiano com fios delicados. A força emanada da tradição de tecer essas linhas é tangível, estabelecendo um elo que atravessa gerações de uma mesma linhagem.

Com paciência e mestria, elas continuam a criar rendas da mesma forma que suas antecessoras já o faziam há muitas gerações, ao mesmo tempo em que revigoram e modernizam os padrões e os pontos que utilizam nos dias de hoje. Assim, permanecem enraizadas tanto no passado quanto no presente.

Convidamos você a se aprofundar ainda mais nesse mundo das rendeiras. Escaneie o QR code abaixo para acessar conteúdo adicional, repleto de histórias e imagens que celebram essa valiosa tradição artesanal.



FOTO: LUCIANO TAVARES



FOTO: LUCAS CARVALHO

POR QUE VOCÊ PAROU DE LER?

Por: Lucas Carvalho

Não é nenhum segredo que a leitura está longe de ser a atividade favorita dos brasileiros. Segundo dados da quinta edição da pesquisa Retratos da leitura no Brasil, cerca de apenas 52% da população brasileira possui o hábito da leitura, e esse número cai para 48% aqui no nordeste. Ler, para a criança e adolescente em desenvolvimento, é uma atividade incrivelmente valorosa; aumenta o tempo de atenção, o nível de empatia e estimula a imaginação. Infelizmente, à medida que as pessoas crescem o hábito da leitura se torna cada vez mais infrequente.

Porque não é tão fácil quanto parece

Contrário às aparências, ler é na verdade uma atividade bem difícil. Você precisa ligar cada palavra ao seu significado, cada frase a uma idéia e cada parágrafo a uma ideia ainda mais complexa. Sem falar que a nossa própria história de vida implica na atividade de ler, já que precisamos de vivência para sequer entender o contexto dos livros que lemos. Essa realidade vai de encontro ao fato de que, comumente, as pessoas no Brasil preferem formas de entretenimento que necessitem de menos esforço, como assistir TV ou navegar pelas redes sociais. Isso faz com que a literatura e as várias outras formas de entretenimento atuais se encontrem em uma perpétua luta pela sua atenção que os livros raramente vão vencer. Outra, e talvez a principal razão para a ausência de leitura na vida dos brasileiros, é a falta de tempo. Essa é simples: à medida que crescem, as pessoas vão se perdendo em meio às tarefas e responsabilidades da vida adulta. E talvez ainda, graças ao estresse gerado por essas mesmas responsabilidades é que as vezes escolhamos passar uma hora no Instagram do que lendo aquele livro que já está a mais de um mês em cima da cabeceira.

Porque você não consegue focar

Se você já se pegou tendo que reler o mesmo parágrafo de um texto várias vezes porque não consegue manter o foco, não precisa se desesperar, é mais comum do que parece. Em 2013 a Microsoft realizou uma pesquisa para medir os efeitos da tecnologia na atenção das pessoas, e constatou que o tempo médio de atenção naquela época era de apenas 8 segundos; e isso 5 anos antes do lançamento do TikTok no Brasil. A principal razão por trás disso é a seguinte: as páginas de internet - mas especialmente as redes sociais - apresentam vários estímulos, visuais e auditivos, ao mesmo tempo. Mas, segundo Earl Miller, um neurocientista do Instituto de

Tecnologia de Massachusetts, o cérebro humano "só consegue produzir um ou dois pensamentos na mente consciente em um dado momento". Ou seja, é impossível focar em todos os aspectos de uma página do Facebook ao mesmo tempo, para isso a mente precisa ficar "pulando" de uma coisa a outra. por isso as pessoas passaram a focar por menos tempo em cada tarefa, a fim de alternar mais rapidamente entre elas. A leitura, por outro lado, não oferece uma variedade de tão grande de estímulos e portanto perde espaço para atividades mais estimulantes como o WhatsApp e o Twitter(ou X). Mas não é o fim do mundo! Mesmo que tenhamos perdido parte da nossa capacidade de prestar atenção por longos períodos de tempo, ainda é possível voltar a ser um leitor assíduo em 2023.

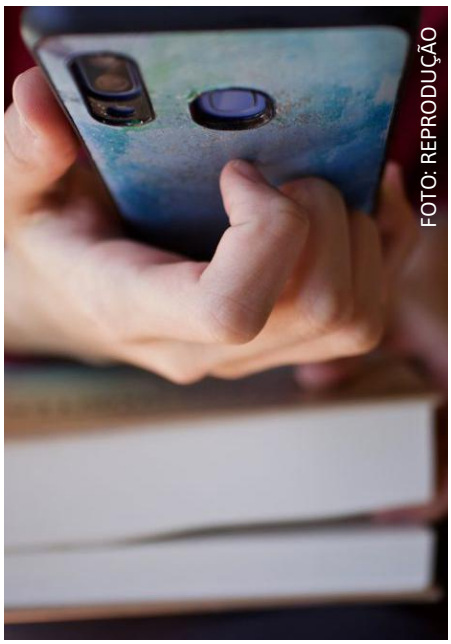


FOTO: REPRODUÇÃO

Como voltar a ler

A YouTuber canadense Sabrina Cruz em seu vídeo why you stopped reading (o porquê de você ter parado de ler) traz três ótimas dicas de como voltar a ler, e eu vou trazer ainda mais uma.

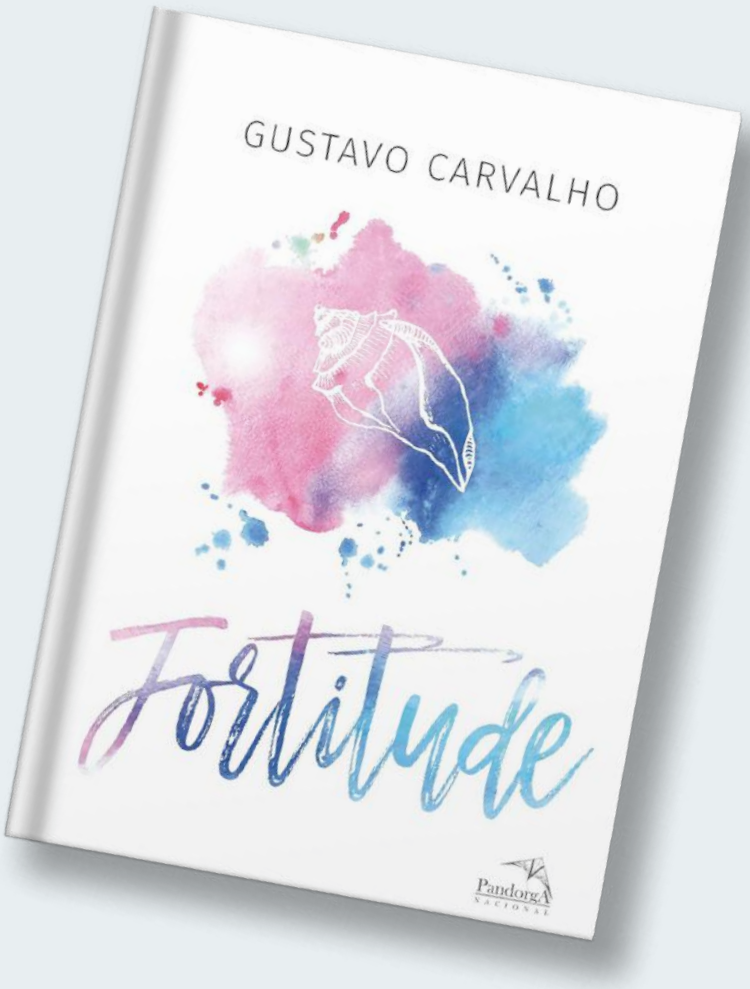
1. Experimente narrativas: se você se pegou no ciclo infernal de ler livros acadêmicos ou de treinamento por causa do seu emprego ou curso universitário, uma boa idéia é tentar ler livros que possuem narrativas, romances ou livros de contos. A estrutura clássica de introdução, clímax e resolução existe, dentre outras razões, porque é empolgante e faz com que as pessoas não só queiram, mas precisem saber como a história acaba!

2. Audiolivros: são uma ótima alternativa para quem não tem muito tempo no dia-a-dia, e costumam sair bem mais em conta se comparados ao preço de livros físicos.

3. Abrace a lentidão da leitura: é fácil pensar no leitura como uma atividade monótona e que só serve para consumir tempo, que daria para terminar dois episódios da sua série favorita no mesmo tempo que levaria para terminar um único capítulo de um livro. Mas é útil pensar nesse aspecto lento da leitura como uma oportunidade ao invés de desvantagem. O caráter lento e meditativo da leitura nos leva à introspecção e à reflexão pessoal. Com a perspectiva certa isso pode se tornar algo extremamente valoroso no cotidiano corrido da vida moderna.

4. Leia por si mesmo, não pelos outros: Essa é a minha dica pessoal. É muito fácil se deixar levar pela influência das tendências e dos amigos, pela vontade de consumir aquilo de quê todos estão falando, de ler o novo romance da Colleen Hoover. Mas a leitura é uma atividade individual e deve, antes de tudo, servir aos desejos do leitor. Então permita-se ler o que quiser, mesmo que ninguém tenha recomendado.

MUNDO ABERTO, TEXTO FECHADO



Por: Rayane Castro

Fortitude é uma história fictícia que traz a curta jornada de amor entre dois adolescentes de mundos diferentes, com visões diferentes e com tempo de vidas diferentes, já que o protagonista, Chris, possui uma doença terminal. Uma narrativa em 3° pessoa, ambientada em Araruama, cidade do Rio de Janeiro pelo autor Gustavo Carvalho, publicada em 31 de janeiro de 2018, conta em poucas páginas como a vida deve ser vivida com leveza e determinação mesmo com o fim pré-determinado segurando nossas mãos todos os dias.

Chris, um adolescente de 16 anos, enfrenta uma doença terminal. Apesar dos apelos da mãe e do irmão mais velho, ele recusa o tratamento e opta por realizar uma lista de desejos antes que seu tempo se esgote. Um dos itens dessa lista é finalmente revelar seu amor à garota pela qual é apaixonado há anos, Manu. Manu, de uma classe social mais privilegiada que Chris, cruza o caminho dele somente após seu namorado começar a praticar bullying contra Chris. Esse evento faz com que Manu enxergue Chris de uma maneira diferente e comece a passar mais tempo com ele. O livro também explora superficialmente como as vidas de cada personagem estão interligadas e revela as histórias por trás de suas ações.

Creio que o autor quis trazer uma reflexão sobre como as pessoas estão tão imersas em suas realidades que esquecem as pessoas ao redor, mesmo que estejam diretamente olhando em seus olhos. Vemos como Chris é determinado com os seus desejos, e quando os outros personagens entram em contato com ele, suas perspectivas de vida mudam. Mas o fim da história entra em controvérsia com essa premissa, visto que, apesar da história ser de uma garoto com uma doença terminal tentando viver ao máximo antes de partir, a vida dos outros personagens é que possui um "final feliz", focando no melhoramento dos sentimentos e problemas deles enquanto o garoto morre a cada dia que passa.

A ideia em si é boa, usar um evento ruim e tirar dele coisas boas, mas como o autor desenvolveu esse tópico deixa a desejar quando ele não faz um aprofundamento na personalidade dos personagens e em seus amadurecimentos. O que torna todos os envolvidos no livro supérfluos.

O livro é para quem gosta de histórias leves, sem muito aprofundamento. O final é triste e um pouco revoltante, mas é perfeito para sair de uma ressaca literária.

Por: Rayane Castro

"Mundos Paralelos", o primeiro livro lançado pela Mundo Estranho, reúne 10 autores renomados da plataforma Wattpad para apresentar contos que entrelaçam ficção, suspense, romance e fantasia em cenários futuristas. Essas histórias não apenas proporcionam entretenimento, mas também instigam uma reflexão profunda: até que ponto os seres humanos podem ou ousarão alcançar esse nível de evolução?

Enquanto se lê os contos, é inevitável associá-los a séries como "Love, Death and Robots" ou "Black Mirror". Cada conto apresenta uma realidade nova e diferente, mas que não se desprende da ficção científica e distopia que usa como firmamento as consequências das ações dos ser humano sobre si e sobre os outros. O que causa uma certa admiração com um toque de horror.

Apesar da proposta seguir a temática da revista mundo estranho, alguns contos podem até estar inseridos dentro da distopia, mas os finais são leves e até mesmo esperançosos com toque de comédia (essa vai para os leitores que não gostam tanto de sofrer com os finais de cada história) como "Perpetuação", escrita por Mila Wander, "Sobrenatural", por Lilian Carmine e "Liberdade Prometida", por Thati Machado.

O mais incrível desse livro é que ele reúne autores que vieram do Wattpad, um aplicativo de leitura que serve tanto para leitores quanto para escritores novatos. Dentro deste aplicativo, muitas obras incríveis com um alto potencial para se tornarem os próximos best-sellers são concebidas. Além disso, algumas dessas obras já ganharam adaptações cinematográficas e conquistaram audiências em plataformas de streaming e cinemas. Exemplos notáveis incluem "After" "A Barraca do Beijo" e "Cinquenta Tons de Cinza." O Wattpad oferece inúmeras oportunidades, e quem sabe, talvez você seja o próximo autor a emergir desse vibrante ambiente literário

O livro se divide em 10 contos, cada um deles assinado por um escritor diferente. As histórias possuem um perfeito ritmo de eventos. As escritas são fluídas, sem furo, com personagens cativantes e o melhor: todos os autores são brasileiros. Publicado em 24 de abril de 2017, sob a edição de Felipe Sali, um renomado escritor, jornalista e vencedor do Wattys 2015, que também atua como embaixador da plataforma.



"Gostou das resenhas? Ficou interessado em ler algum desses livros? E se eu disser que preparamos algo especial para você que é leitor, mas é um aspirante a escritor? Criamos uma oficina criativa cheia de dicas de como você pode começar a pensar e escrever o seu próprio livro! Basta escanear o QR-code que você será direcionado para a página da oficina. Te espero lá!"



FOTO: LUCAS CARVALHO

Redescobrindo A LITERATURA MARANHENSE

A AMEI se consolidou como uma vitrine permanente para todos os escritores e artistas maranhenses que buscam um espaço onde disponibilizar sua criação

Por: Rayane Castro

Nesta entrevista, mergulhamos no vibrante mundo literário do Maranhão, tendo como nossa guia Cleo Rolim, da Associação Maranhense de Escritores Independentes (AMEI) e uma entusiasta incansável da literatura regional. Cleo compartilhou sua paixão pela preservação da cultura e tradições maranhenses, destacando o papel fundamental da AMEI na promoção dos autores locais. Além disso, ela falou os desafios enfrentados pelos escritores no mercado editorial e como a AMEI está desbravando caminhos para superá-los. Venha conosco nesta jornada literária e descubra como a AMEI está moldando o futuro da literatura maranhense.

Como surgiu a ideia de uma associação dedicada apenas a autores maranhenses?

A ideia de criar uma associação dedicada exclusivamente a autores maranhenses surgiu durante o lançamento do livro "Feliz" de José Viegas. No evento, que teve apenas duas pessoas presentes, Viegas percebeu que os alunos que passavam pelo local estavam desinteressados e entediados. Foi então que ele decidiu criar uma feira do livro para valorizar os autores maranhenses. A primeira edição da feira aconteceu em 2016, com o patrocínio do supermercado Matheus, reunindo 102 escritores em um evento de 10 dias no Shopping da Ilha, com lançamentos de livros, palestras, exposições e atividades culturais. O sucesso do evento levou à fundação da Associação Maranhense de Escritores (AMEI) em agosto do mesmo ano, com cerca de 52 a 54 fundadores. A associação foi criada com o objetivo de promover e valorizar os autores maranhenses, e graças ao apoio do São Luís Shopping, conseguiu estabelecer um espaço exclusivo para esses autores em 2017. Desde então, a AMEI realiza diversos eventos gratuitos, incluindo atividades culturais e literárias, para divulgar e promover a literatura maranhense.

Como foi o processo de fundação e abertura da AMEI e da livraria, enfrentaram desafios significativos durante essa formação, incluindo resistência ou falta de reconhecimento por parte das pessoas em relação ao projeto?

[RESPOSTA EDITADA] A fundação da associação e livraria enfrentou algumas dúvidas internas, com pessoas na área da literatura duvidando da viabilidade do projeto de uma feira do livro exclusivamente com obras maranhenses. No entanto, essas preocupações não foram expressas na época. A união dos autores maranhenses foi fundamental para o sucesso do projeto, e hoje a AMEI e a livraria são admiradas por visitantes de outras cidades e estados que não têm iniciativas similares em suas localidades. O autor maranhense muitas vezes lida com desafios na promoção de suas obras devido à falta de apoio financeiro e visibilidade em comparação com autores estrangeiros com grandes editoras por trás deles.

Quais são os principais desafios enfrentados pela AMEI na promoção e visibilidade das obras maranhenses, considerando a dificuldade de reconhecimento desses trabalhos no mercado literário?

O principal desafio enfrentado pela AMEI é a falta de reconhecimento e visibilidade. Apesar de termos um espaço físico, um Instagram para promover e divulgar eventos, bem como uma loja virtual, muitas pessoas ainda não conhecem a AMEI e subestimam o valor da literatura maranhense. As pessoas muitas vezes têm preconceitos pré-estabelecidos de que a literatura maranhense é tediosa e voltada apenas para acadêmicos, o que representa um desafio significativo para a associação. O objetivo é mostrar ao público que há tesouros literários escondidos na literatura maranhense que merecem ser explorados e apreciados.

Qual foi o impacto da AMEI na comunidade literária e nos escritores maranhenses? Como essa associação ajuda os escritores a publicar e promover seus livros, e que tipo de impacto isso teve no grupo de escritores?

A livraria AMEI teve um impacto extremamente positivo na sociedade, especialmente entre os escritores maranhenses. Os autores ficaram encantados com a ideia de ter um espaço que valorizasse seu trabalho, que antes não era reconhecido. O entusiasmo dos autores continua até hoje, com muitos recomendando a AMEI uns aos outros. A associação ajuda na divulgação das obras, mas enfatiza a importância do esforço conjunto entre autores e associação. A AMEI também começou a oferecer apoio na produção literária, algo que a diferencia das editoras. A associação desempenha um papel fundamental na promoção da literatura maranhense e no apoio aos autores locais.

Quais são os principais valores que orientam a AMEI e definem sua identidade como uma livraria, ou seja, o que faz a AMEI ser a AMEI?

Os principais valores da AMEI incluem o respeito a todos os autores e tipos de literatura, sem fazer distinções. A associação valoriza o trabalho de cada escritor maranhense e promove a honestidade e o amor pela literatura como pilares essenciais. O amor pela literatura é o motor que impulsiona toda a atividade da AMEI e é o que dá significado ao seu trabalho.

Vocês têm critérios específicos para a escolha das obras literárias que aceitam ou não na livraria?

A AMEI aceita todos os tipos de literatura, sem fazer exceções. No entanto, eles têm o cuidado de classificar as obras de acordo com a faixa etária, especialmente se houver conteúdo sensível ou que possa ser chocante para certas idades. A associação valo

FOTO: LUCAS CARVALHO



Como surgiu a ideia de uma associação dedicada apenas a autores maranhenses?

A ideia de criar uma associação dedicada exclusivamente a autores maranhenses surgiu durante o lançamento do livro "Feliz" de José Viegas. No evento, que teve apenas duas pessoas presentes, Viegas percebeu que os alunos que passavam pelo local estavam desinteressados e entediados. Foi então que ele decidiu criar uma feira do livro para valorizar os autores maranhenses. A primeira edição da feira aconteceu em 2016, com o patrocínio do supermercado Matheus, reunindo 102 escritores em um evento de 10 dias no Shopping da Ilha, com lançamentos de livros, palestras, exposições e atividades culturais. O sucesso do evento levou à fundação da Associação Maranhense de Escritores (AMEI) em agosto do mesmo ano, com cerca de 52 a 54 fundadores. A associação foi criada com o objetivo de promover e valorizar os autores maranhenses, e graças ao apoio do São Luís Shopping, conseguiu estabelecer um espaço exclusivo para esses autores em 2017. Desde então, a AMEI realiza diversos eventos gratuitos, incluindo atividades culturais e literárias, para divulgar e promover a literatura maranhense.

Como foi o processo de fundação e abertura da AMEI e da livraria, enfrentaram desafios significativos durante essa formação, incluindo resistência ou falta de reconhecimento por parte das pessoas em relação ao projeto?

[RESPOSTA EDITADA] A fundação da associação e livraria enfrentou algumas dúvidas internas, com pessoas na área da literatura duvidando da viabilidade do projeto de uma feira do livro exclusivamente com obras maranhenses. No entanto, essas preocupações não foram expressas na época. A união dos autores maranhenses foi fundamental para o sucesso do projeto, e hoje a AMEI e a livraria são admiradas por visitantes de outras cidades e estados que não têm iniciativas similares em suas localidades. O autor maranhense muitas vezes lida com desafios na promoção de suas obras devido à falta de apoio financeiro e visibilidade em comparação com autores estrangeiros com grandes editoras por trás deles.

Quais são os principais desafios enfrentados pela AMEI na promoção e visibilidade das obras maranhenses, considerando a dificuldade de reconhecimento desses trabalhos no mercado literário?

O principal desafio enfrentado pela AMEI é a falta de reconhecimento e visibilidade. Apesar de termos um espaço físico, um Instagram para promover e divulgar eventos, bem como uma loja virtual, muitas pessoas ainda não conhecem a AMEI e subestimam o valor da literatura maranhense. As pessoas muitas vezes têm preconceitos pré-estabelecidos de que a literatura maranhense é tediosa e voltada apenas para acadêmicos, o que representa um desafio significativo para a associação. O objetivo é mostrar ao público que há tesouros literários escondidos na literatura maranhense que merecem ser explorados e apreciados.

Qual foi o impacto da AMEI na comunidade literária e nos escritores maranhenses? Como essa associação ajuda os escritores a publicar e promover seus livros, e que tipo de impacto isso teve no grupo de escritores?

A livraria AMEI teve um impacto extremamente positivo na sociedade, especialmente entre os escritores maranhenses. Os autores ficaram encantados com a ideia de ter um espaço que valorizasse seu trabalho, que antes não era reconhecido. O entusiasmo dos autores continua até hoje, com muitos recomendando a AMEI uns aos outros. A associação ajuda na divulgação das obras, mas enfatiza a importância do esforço conjunto entre autores e associação. A AMEI também começou a oferecer apoio na produção literária, algo que a diferencia das editoras. A associação desempenha um papel fundamental na promoção da literatura maranhense e no apoio aos autores locais.

Quais são os principais valores que orientam a AMEI e definem sua identidade como uma livraria, ou seja, o que faz a AMEI ser a AMEI?

Os principais valores da AMEI incluem o respeito a todos os autores e tipos de literatura, sem fazer distinções. A associação valoriza o trabalho de cada escritor maranhense e promove a honestidade e o amor pela literatura como pilares essenciais. O amor pela literatura é o motor que impul-



FOTO: LUCAS CARVALHO



FOTO: RAUNYR DOS SANTOS

Entre a REALIDADE e a IMAGINAÇÃO das lendas de SÃO LUÍS

Por: Bruno Melo

Lendas são narrativas envoltas em mistério e transmitidas de geração em geração pela tradição oral que têm o poder de nos transportar para mundos onde o real se entrelaça com o fictício, desafiando nossa compreensão da história. São contos fantásticos que nascem da imaginação audaciosa do ser humano, mesclando fatos reais e históricos com elementos tão imaginativos quanto intrigantes. Contudo, vale ressaltar que, em meio ao encanto da fantasia, algumas lendas podem, surpreendentemente, ter raízes na verdade.

A Ilha de São Luís não é exceção nesse universo de lendas folclóricas. As histórias se entrelaçam com a herança indígena e os alicerces religiosos, formando um mosaico de narrativas que têm cativado moradores e visitantes ao longo dos anos. Neste cenário, mergulharemos em algumas dessas lendas, explorando sua intrigante conexão com a história, a imaginação e a cultura local

A Carruagem de Ana Jansen

Uma das lendas que há muito tempo intriga e fascina os moradores de São Luís é a história de Ana Jansen, também conhecida como Ana Joaquina Jansen Pereira ou simplesmente Donana, uma figura que, segundo a lenda, foi condenada a vagar eternamente pelas ruas da cidade em uma carruagem assombrada. A narrativa diz que essa carruagem macabra parte do Cemitério do Gavião, nas noites de quinta para sexta-feira, sendo conduzida por um escravo decapitado, puxada por cavalos igualmente decapitados, ou até mesmo por uma Mula-sem-cabeça, dependendo da versão.

A realidade por trás da lenda

Curiosamente, Ana Jansen foi uma figura real, nascida da união de Vicente Gomes de Lemos Albuquerque e Rosa Maria Jansen Müller, esta última filha de um comerciante holandês falido. Ana Jansen não apenas deixou sua marca na história da cidade, mas também teve um papel ativo na política e nos movimentos sociais de sua época.

Sua vida foi marcada por desafios desde cedo. Ainda adolescente, teve um filho de pai desconhecido, o que a levou a ser duplamente "desonrada" aos olhos da sociedade da época: por não ser mais virgem e por ser mãe solteira. Como resultado, foi expulsa de casa pelo pai, com seu filho recém-nascido em seus braços.

No entanto, o destino de Ana Jansen começou a mudar quando ela conheceu o rico coronel Isidoro Rodrigues Pereira, membro da família mais abastada da região. Ana tornou-se amante de Isidoro por muitos anos, e, após a morte da primeira esposa do coronel, eles oficializaram seu relacionamento. Ele a sustentou, forneceu uma casa e permitiu que ela criasse seu filho. Esse relacionamento foi alvo de escândalo e preconceito na sociedade da época, mas, ao longo do tempo, Ana Jansen foi gradualmente aceita e, após o casamento milionário, passou a ser respeitada.

Com a morte de Isidoro, Ana assumiu a fazenda Santo Antônio e rapidamente triplicou sua fortuna, tornando-se uma das maiores produtoras de algodão e cana-de-açúcar do Império. Ela também detinha o maior número de escravos na região e controlava a distribuição de água na cidade, mesmo com alternativas mais modernas disponíveis. Sua determinação, temperamento forte e autoritarismo a levaram a ser chamada informalmente de "Rainha do Maranhão".

Apesar das acusações de crueldade com seus escravos, alguns historiadores argumentam que os relatos podem ter sido exagerados e que Ana Jansen não era pior do que a média dos escravagistas de sua época. Ela continuou a desafiar as convenções sociais ao longo de sua vida, mantendo relacionamentos com outros homens após a morte de Isidoro, incluindo o desembargador Francisco Vieira de Melo, com quem teve mais quatro filhos.

A vida de Ana Jansen foi repleta de desafios, escândalos e sucessos, e ela faleceu aos 71 anos, em 11 de abril de 1869, deixando um legado que perdura até hoje. Sua história nos lembra que a realidade muitas vezes supera a ficção e que a verdade por trás de uma lenda pode ser ainda mais fascinante do que imaginamos.



ILUSTRAÇÃO: RAMISSON SILVA



ILUSTRAÇÃO: RAMISSON SILVA

A Serpente Encantada

Uma lenda ancestral sussurra nas profundezas das galerias subterrâneas que serpenteiam o Centro Histórico de São Luís. Conta-se que ali reside uma serpente encantada de proporções descomunais, cujo corpo cresce incessantemente. Uma criatura gigantesca destinada a um evento extraordinário: o dia em que sua cabeça e cauda se encontrarão, mergulhando a ilha no fundo do mar, fazendo-a desaparecer por completo.

Segundo os relatos de antigos moradores da cidade, a serpente habita essas galerias desde os primórdios do século XV, tendo nascido nas proximidades do Forte de São Luís. A imaginação popular traça um mapa peculiar do monstro: sua cauda repousaria na Igreja de São Pantaleão, a barriga estaria sob a proteção da Igreja do Carmo, e a cabeça repousaria na histórica Fonte do Ribeirão.

Aqueles que tiveram a ousadia de explorar os túneis subterrâneos afirmam que é possível vislumbrar, por entre as grades de uma das entradas da fonte, a visão aterradora da cabeça do monstro. Josué Montello, em seu romance "Os Degraus do Paraíso", descreveu com vivacidade essa visão: olhos inclementes de um vermelho profundo, boca escancarada e uma língua serpenteante emergindo entre as presas afiadas.

A lenda da serpente encantada transcende o tempo, mantendo-se viva na rica tradição oral da cidade. Embora suas origens permaneçam envoltas em mistério, a serpente subterrânea de São Luís continua a desafiar a imaginação e a curiosidade daqueles que ousam explorar as profundezas do Centro Histórico. Afinal, em uma cidade onde o passado e o presente se entrelaçam de maneira tão única, quem ousaria descartar a possibilidade de que algo tão extraordinário pudesse ser real?

Praia do Olho D'água

A praia do Olho D'água, um local frequentado por quase todos os ludovicenses, esconde uma história fascinante que muitos desconhecem. Segundo uma antiga lenda, as águas que beijam a areia da praia não são apenas produto da natureza, mas também das lágrimas de uma mulher com o coração partido.

A narrativa remonta a tempos imemoriais, quando a região abrigava uma aldeia indígena. Nessa aldeia, a filha do cacique Itaporama e um jovem da tribo encontraram o amor. No entanto, o coração do jovem também conquistou a atenção da Mãe d'água, uma entidade mítica das profundezas aquáticas.

Com seus poderes encantadores, a Mãe d'água seduziu o jovem e o levou para seu palácio encantado no fundo do mar, deixando a filha de Itaporama devastada. O luto pela perda do grande amor foi tão profundo que a jovem chorou até seu último suspiro. E é a partir dessas lágrimas que duas nascentes surgiram, fluindo incessantemente para o mar. Assim, o nome "Olho D'água" faz referência a essa comovente lenda que ecoa ao longo dos séculos.

Assim, a praia do Olho D'água não é apenas um local pitoresco, mas também um ponto de encontro entre o imaginário coletivo e a realidade, onde as lendas antigas continuam a ecoar, lembrando-nos da riqueza da cultura e da complexidade das questões que moldam nossa sociedade.



ILUSTRAÇÃO: RAMISSON SILVA

Manguda

Nos últimos anos do século passado, uma figura lendária lançou sua sombra sobre as noites tranquilas de São Luís, enchendo de terror as crianças e uma considerável parcela da população adulta da cidade, que na época ainda era mal iluminada e tinha um ar provinciano. A origem dessa lenda remonta a uma elaborada farsa concebida e executada por comerciantes envolvidos no contrabando de mercadorias, principalmente tecidos europeus, que eram introduzidos no mercado local sem o pagamento dos tributos devidos.

Para enganar as autoridades fiscais, esses comerciantes recorreram a diversos portos alternativos para desembarcar suas mercadorias. No entanto, a constante vigilância das autoridades colocava em risco suas operações, frequentemente descobertas e frustradas por apreensões e flagrantes. O porto do Jenipapeiro, nas proximidades da Quinta Vitória, onde o poeta Joaquim de Sousândrade residia, emergiu como uma escolha estratégica, uma vez que raramente era patrulhado pelas forças de policiamento. As autoridades consideravam desnecessária qualquer medida de reforço na área, pois acreditavam que o local já estava adequadamente protegido pela guarnição permanente da Penitenciária, que hoje ocupa o espaço do Hospital Presidente Dutra.

Foi então que o bairro dos Remédios se tornou o cenário favorito das aparições de uma figura fantasmagórica que logo recebeu o nome de "Manguda". Vestida com um robe branco de mangas amplas e compridas, seu rosto oculto por uma máscara, Manguda emanava uma nuvem de fumaça de sua cabeça.

Os jornais da cidade publicaram diversas notícias e comentários sobre Manguda, e Jerônimo de Viveiros, em sua história do comércio do Maranhão, recuperou versos atribuídos a Luís Domingues e publicados no jornal "A Cruzada". Embora a data da publicação original não seja mencionada, esses versos lançam luz sobre o mistério que cercou Manguda e sua ligação com o contrabando que agitou São Luís naquela época. *"Era noite e já bem tarde, Singrava as águas do Anil. Batel veleiro, apressado, chegando à praia sutil. Receosos, caminhavam, como se andassem à toa espreitando a sentinela, postada junto à Camboa. Pobre soldado bisonho, aturdido e tresnoitado, viu crescer a bicha horrenda e ficou desnorteado. Saltaram fora os remeiros, descarregaram o batel de fardos, mercadorias, prestes juntaram o farnel; Alerta estou! Brada ela, quando a Manguda velhaca passou-lhe diante dos olhos, nas costas levando a maca. Não lhe valeu a "Comblain", do sabre nem se lembrou. Caiu prostrado no chão, e não mais, – alerta estou!*

Manguda continua sendo uma figura intrigante e enigmática na história de São Luís, lembrando-nos que até mesmo as lendas mais sombrias podem ter raízes nos acontecimentos históricos da cidade. Verdadeiras ou não, essas lendas se enraízam profundamente na identidade cultural de São Luís. O historiador Diogo Galhardo observa que essas narrativas não se limitam ao passado imaginário, mas também ecoam questões reais, como o racismo, a violência e a concentração de poder. "As lendas conectam o presente ao passado e adquirem ares de mito identitário. A sociedade se reconhece por meio dessas lendas, evocando méritos e deméritos que não estão apenas no passado imaginário, mas dialogam com os problemas concretos do presente, como o racismo, a violência e a concentração de poder", destacou Galhardo.



ILUSTRAÇÃO: RAMISSON SILVA



MARÁ CULTURAL TÁ *ON* AGORA!

FAÇA O ***DOWNLOAD*** E ACESSE SUA REVISTA ONDE - E QUANDO - QUISER!